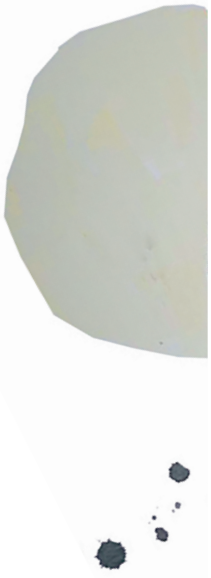


32



A minha vida começou num dormitório. Não sei se têm experiência com outros tipos de dormitório, mas não, não me interpretem mal, refiro-me àqueles dormitórios do final dos anos oitenta e do início dos anos noventa onde viviam famílias jovens. Eram dormitórios cedidos a profissionais em início de carreira, compostos por um quarto, uma casa de banho e uma área para cozinhar ao fundo, mas os duches, na cave, eram partilhados por todos os residentes do prédio. A minha relação especial com o cheiro a cimento molhado e com as tábuas de madeira encharcadas aplicadas sobre um chão de tijoleira vem desses tempos, dos duches na cave. Teoricamente, as tábuas de madeira são menos escorregadias, mas era frequente bater nelas com os dedos dos pés. É interessante: tudo o que me lembro dos duches do dormitório é o caminho para lá chegar, mas não o caminho de volta

ao terceiro andar. Imagino que costumava estar bem enrolado numa toalha e, meio adormecido pelo vapor do duche, encostava o nariz ao pescoço da minha mãe ou do meu pai.

À entrada do nosso prédio, entre arbustos de lilases, havia um banco onde estava sempre alguém sentado, fosse qual fosse a estação do ano. Nem de outra forma seria possível, pois não fazia sentido passar o tempo todo sem fazer nada numa divisão fechada! Apetecia falar com alguém ou, pelo menos, ouvir o mundo. Fazer parte dele. É isso que fazem as pessoas que vivem no escuro.

Como ao lado do dormitório ficava a lavandaria, o cheiro a roupa acabada de lavar ainda é, para mim, o cheiro a verão. Era um barracão de madeira desengonçado onde habitualmente esvoaçavam lençóis brancos, capas de edredão e camisas de noite das vizinhas. Não me lembro de outras roupas. De qualquer maneira, as memórias funcionam de forma suspeita... Talvez só tenha passeado entre as cordas da lavandaria quando havia lençóis e camisas de dormir a secar. Provavelmente também lavavam outros tipos de roupa... Por exemplo, a minha! Com o tempo, passou a ser cada vez menos frequente estenderem lá a roupa a secar, porque a surripiavam. Mais tarde, durante uns tempos, foi a sala de fumo dos jovens, onde estes também bebiam umas cervejas e ficavam na marmelada. Há muito que não se vê dessas lavandarias! E o dormitório já não é o que era. E eu vivo noutra cidade. E tenho trinta e dois anos. No entanto, sempre que vou a Cēsis, ao atravessar o pátio onde estavam os arbustos de lilases e o banco, sinto-me em casa, porque foi aí o meu começo.

— Ei, espera!

— O que foi?!

— Não ouço o Jēkabs!

— Jēkabs? Pantufinha!

— Aquela bicicleta sem pedais foi uma ideia completamente idiota!

— Não grites!

— Mas há ali uma rua! Jēkabs!

— Jēkabs?!

— Jēkabs, por amor de Deus, espera!

Não sei como sobrevivi, aliás, como sobrevivemos! Não tínhamos capacetes, nem havia pisos de borracha nos parques infantis, mas ainda aqui estou. Pese embora, naquela altura, me montasse na bicicleta de equilíbrio, como se diz agora, feita de plástico preto, e descesse a rua Valdemāra ganhando velocidade em direção à rua Piebalgas. O vento batia-me nas bochechas, o mundo passava por mim, a liberdade era total e eu podia fazer tudo, desde que me deixassem...

— Jēkabs!!! — Ouvi gritar o meu nome tão desesperadamente atrás de mim que o que mais queria era que a minha bicicleta se transformasse num avião e voasse em direção ao céu como um foguetão...! Mas, em vez disso, finquei os pés no asfalto e parei. Afinal, os meus pais eram cegos.

Não é nada de especial. É o que é. Sempre assim foi. Quem sabe, talvez à grande porta de entrada para este mundo alguém mo tenha apontado como uma determinada alínea x) do contrato, escrita em letra miúda, mas isso não importa. O que importa é que, graças a eles, eu era especial. Eu! Especial! Especial porque conseguia ver no escuro.





Uma criança de tenra idade cheira a uma doce felicidade, a confiança em nós, a necessidade, a vulnerabilidade, até certo ponto. Não sei, a rebuçados, claro. Uma criança pequena é quente e, por vezes, pegajosa de suor, porque nunca para de correr. Embora o Jēkabs nunca ficasse a suar, pois não o deixava correr descontroladamente durante muito tempo... Mas é tudo muito relativo.

No início é fácil, claro: o principal é ter atenção à respiração da criança e sentir-lhe a nuca para ver se está muito quente ou muito fria. Sim, é verdade

que no início tive de manter o pai afastado dele, para que ele não o esmagasse enquanto dormia, mas, no geral... Certo, as fraldas de pano, sim, as fraldas são e sempre serão uma chatice, mas enquanto ele dormia, eu podia fazer tudo tranquilamente. Em silêncio. Bem, depois ele começou a gatinhar e eu gatinhava ao lado dele. O mais importante era manter o chão limpo e afastá-lo das esquinas, para ele não bater com a nuca ou, Deus nos livre, com os olhos. Depois, começou a agarrar-se a tudo e queria caminhar, mas não o conseguia sem mim. Fizemos uma vedaçãozinha. Depois, começou a andar sozinho, mas continuou a ter medo de tudo. Em seguida, deu-se um clique e ele deixou de ter medo, de ter travões, nada. E nós, como mães, só podemos contar com as nossas preces e com os nossos sentidos. Aprende-se a distinguir a forma como respira quando mente, ou quando está nervoso ou contente, por exemplo. Nada de sobrenatural. É como aprender a fritar batatas. Não é fácil porque queremos controlar todo o processo, o que não é possível: fica tudo escorregadio e o óleo salpica. É mais fácil cortar os ingredientes e metê-los na panela da sopa. Cortar, meter, juntar água, mexer e está feito. Verte-se para uma tigela e come-se. Como é que se sabe quanto se verteu para a tigela? Verifica-se com o dedo, junto ao rebordo! No início, claro, queima-se o dedo, mas passado algum tempo habituamo-nos... O mesmo acontece com uma criança. Verifica-se tudo com perguntas e regras. Mas, para medir a água num jarro, inventaram um aparelho especial que se coloca no rebordo e que, quando o líquido atinge esse nível, apita. Não há um aparelho assim para as crianças, e a vida não para por essas ninharias.

Eu queria um filho e consegui. Foi uma felicidade! Nunca me posso esquecer disso. E tentar combinar tudo com o homenzinho. Nesse aspeto, com o Jēkabs... Tive muita sorte.

6





É o aniversário da tia Daina. Eu tenho seis anos e ela é trinta mais velha do que eu. Toda a gente se reuniu no rés do chão do dormitório. A minha mãe esteve o dia todo a ajudar a tia Daina a cortar ingredientes e a cozinhar, enquanto eu estorvava toda a gente ao carregar copos e bancos de lá de cima, com o meu pai, para que todos os convidados tivessem o suficiente de tudo. Sendo franco, não é correto nem de bom-tom dizer que estava a «estorvar», porque não estorvei ninguém: sei bem que não é isso que os meninos bem-comportados devem fazer e eu sou bem-comportado. Não estou a estorvar, estou literalmente a voar pelas escadas abaixo e a aterrar no patamar das escadas numa pose digna de uma Tartaruga Ninja, esticando os braços no ar, preparando-me para atacar com os garfos e as facas que tenho nas mãos. Pausa. É preciso avaliar a situação. Toda a gente se desloca como habitualmente, mantendo-se junto às paredes, e eu posso perfeitamente continuar a descer as escadas, de modo

que, quando os garfos e as facas estiverem cuidadosamente colocados ao lado dos pratos, possa pelo menos correr novamente para o segundo andar à velocidade do Super-Homem. Sou o mais rápido do dormitório! Ah, mas parece que as facas e os garfos já estão todos no sítio e não falta nada. Já está toda a gente reunida e a minha mãe puxa-me para junto dela, põe os braços à volta dos meus ombros e começa a cantar vigorosamente os parabéns, afinal, é o aniversário da tia Daina.

A minha mãe e a minha tia são grandes amigas desde os tempos do colégio interno. São tão unidas como quando se conheceram, por isso, todas as celebrações da minha tia são também as celebrações da nossa família. É a minha tia preferida. A única tia de quem gosto, porque tem mãos delicadas e um sorriso muito bonito. A minha mãe e a tia Daina tornaram-se amigas porque a minha mãe defendeu a pequena Daina da professora. Além disso, quando a tia Daina teve varicela e metade da escola ficou em quarentena, a minha mãe andava pelos corredores às escondidas, tentando não ser apanhada. Ambas são cegas desde a infância e penso que a amizade delas se construiu com base no facto de acreditarem completamente uma na outra. Tu vais conseguir! Tu consegues! Vai correr tudo bem! De certa forma, acho que também tenho de agradecer à tia Daina por existir e por ser quem sou. Afinal, a minha mãe criou-me acreditando em si própria, porque a tia Daina acreditava nela. Bom, algo desse género.

A pequena divisão está cheia, por estar aí reunida toda a gente dos três pisos do dormitório. Das crianças, apenas o Ļoša cá está, mas é mais pequeno do que eu e vê muito mal, por isso não conta. Eu sou o único que consegue ver. Sento-me, espremido, entre o meu pai e a minha mãe e balanço ao sabor dos seus movimentos, porque isto aqui está bastante apertado. O meu pai é grande e ri-se alto das piadas que conta. Serve as bebidas a toda a gente e já

as entornou não só nas suas calças, mas também nas minhas. Mas só eu sei disso e ambos fingimos que as calças molhadas são um pormenor que ninguém precisa de saber, muito menos a minha mãe. O meu pai é um mestre em disfarçar. Até um determinado momento na adolescência, conseguia ler a última linha da tabela do oftalmologista e, por isso, continua a mergulhar em memórias de cores e formas, contando a toda a gente como é o mundo.

A minha mãe é uma senhora muito fina que gosta de declamar poesia em vez de fazer brindes. Decorou uma imensidão de poemas, vários para cada ocasião da vida. Não me lembro de nenhum poema, por isso não sobressaio aos olhos de ninguém (Ah! Ah! Ah!) e tento cada vez com mais afinco encaixar-me na partitura dos movimentos dos meus pais sem perder o meu lugar no banco bamboleante (tanto literal como figurativamente). A janela da divisão está aberta de par em par e, para além dela, temos uma noite de verão invulgarmente quente. E vejo um morcego a esvoaçar na parede do prédio em frente. E vejo uma mulher a mudar de roupa no segundo andar desse prédio em frente. E vejo uma camisa de noite cor-de-rosa desbotada a deslizar-lhe pelas costas. E vejo-a aproximar-se do espelho e passar o dedo indicador na ruga no meio da testa, como se estivesse a tentar alisá-la, e tomo a iniciativa de esperar pelo nascer do Sol de olhos abertos...

— Ei, malta! Acendam as luzes, por amor de Deus! O miúdo dos Logins não é cego! — A minha misteriosa observação do mundo exterior é interrompida pelo Ivariņš, o querido da tia Daina. É assim que ela própria lhe chama. A minha mãe franze os lábios e eu só posso adivinhar porquê. Uma possibilidade: o Ivariņš está a enervá-la. Especialmente quando já fala com a voz entaramelada, por beber como um cacho (cito a minha mãe). Outra hipótese: eu podia ter pedido para acender a luz, em vez

de esperar que alguém reparasse e fizesse com que a minha mãe se sentisse desconfortável. Limito-me a contorcer-me desconfortavelmente no banco, porque não quero ser o mau da fita, mas a tia Daina, que conhece a minha mãe melhor do que ninguém, vem imediatamente em meu socorro e resolve a situação.

— Pois é, o menino é tão bem-comportado que nem dá um pio se não for preciso! Jēkabs, fofinho, se precisares de alguma coisa, dizes, está bem? Não sejas tímido! — E, por minha causa, fez-se luz. Por minha causa. Só para mim, porque os outros não precisam dela. Sinto-me especial, mas fico calado. É o que fazem os meninos bem-comportados.

Eu sou um sonho da minha mãe tornado realidade. A criança perfeita. A responsabilidade é enorme, tenho de ser franco. A minha mãe nasceu cega. Ninguém mo confirmou, mas creio que tem algo que ver com o facto de a mãe dela — a minha avó — beber sem parar. Digo-vos que ela bebe muito mais do que o Ivariņš! E sei do que estou a falar. A minha mãe é a mais nova de três irmãs e, enquanto as mais velhas faziam o trabalho normal da quinta, a minha mãe cheirava o mundo e sentia-o nas pontas dos dedos, porque era só isso que podia fazer. Ela poderia fazer mais, mas só ela sabia disso, não os outros, que a consideravam uma criatura inútil. A minha mãe esteve num colégio interno desde a primeira classe, a centenas de quilómetros de casa. Sozinha. Pequena. Bem, como eu. Mas diferente, porque ela sabia desde então, desde o início, que iria ter uma família e um filho: o Jēkabs, eu. Ela sabia que seria uma boa mãe, a melhor mãe, literalmente a mãe perfeita, e que nunca cometeria os erros que a mãe dela cometera. É por isso que sei que o meu dever é não estragar o grande plano. Tenho de fazer com que a minha mãe não franza os lábios de descontentamento, mas que sorria automaticamente quando alguém fala de mim.

— Esse seu Jēkabs é um rapazinho de ouro, nunca vi uma criança tão bem-comportada, não faz nem chus nem bus. — A minha mãe sorri.

— Caraças! É espantoso que o tenhas conseguido criar para ser tão obediente! O filho do meu irmão é levado do diabo! Quando vem visitar-me até sobe pelas paredes, porra, e eu digo ao meu irmão: «De que é que vale conseguires ver se nem sequer sabes tomar conta dele?» Uma vez, mandámo-nos um ao outro à merda e eles foram-se embora. Pelo menos fiquei em paz! Mas tu és uma boa mãe, Zelma, com todo o respeito. — A minha mãe sorri, apesar de não gostar de palavrões.

— Seja como for, és uma ótima mãe, o Jēkabs é a prova disso! É um menino inteligente, compreende que não se pode fazer as coisas sem pensar, que é preciso ajudar os pais... — A minha mãe sorri, embora não goste do tom de pena.

Resumindo, se a minha mãe sorri por minha causa, então eu sou a prova de que, apesar de tudo e de todos, a vida dela acabou por correr bem. Não andar por aí a queixar-me da vida, não aceitar nada dos outros nem pensar em pedir algo a alguém, não correr para longe, não atrapalhar. Percebido. E tenho orgulho que a minha mãe se orgulhe de mim. Também se orgulha de nunca ninguém se ter atrevido a dizer-lhe que talvez o bebé fosse um capricho precipitado que iria perturbar a ordem das coisas. A minha mãe nunca duvidou, ela nunca tem dúvidas. Por isso, tenho quase a certeza de que, se a minha mãe e o meu pai estão juntos, é precisamente porque a minha mãe assim decidiu e ponto final, parágrafo. Ela própria disse que o meu pai era o mais inteligente dos rapazes do colégio interno e que deixou de fumar por ela. Não é isso uma prova de amor?

Para o meu pai, eu sou não só o filho como também o projeto de vida da mulher. Por essa mesma razão, sou algo que ele não

compreende totalmente. A principal tarefa da minha mãe para o meu pai, tal como para mim, consiste em cumprir as regras e não dar nas vistas desnecessariamente, mas eu consigo gerir melhor esta tarefa, sem dúvida. O meu pai é grande, tem as mãos grandes e a sua capacidade de gesticular é também grande. Por isso, quando o sumo de groselha cai não só no meu colo mas também no do Ivariņš, e ele pragueja grosseiramente, os lábios da minha mãe voltam a franzir-se, e a tia Daina salva o dia pela segunda vez.

— Quem quer café? — A tia Daina às vezes faz-me lembrar a *Lassie*: também é leal e aparece sempre nos momentos certos para fazer com que tudo fique bem.

Desta vez, a pergunta da tia Daina sobre o café significa algo mais: significa que em breve haverá bolo. Bom, está tudo bem: vou comer o bolo e vou gostar, afinal ajudei a decorá-lo. Ainda não percebi exatamente para quem dos presentes é tão importante a decoração, mas... se mo pedirem, faço-o sem perguntas desnecessárias.

— Então, como é que puseste as coisas no bolo? — pergunta-me a minha mãe, porque sabe que teria sido uma parvoíce tocar num bolo com natas.

— A toda a volta há rodelas de kiwi cortadas ao meio, depois um círculo interior de morangos em conserva, depois há um círculo de meias-luas de laranja, depois outro círculo de morangos, e no meio há uma flor feita de quiuí...

— Que bonito! — A minha mãe gosta, por isso acrescenta o óbvio: — A Daina vai adorar. Agora, põe açúcar em pó por cima de tudo, está bem? De maneira que fique bem espalhado, não aos montes.

— Mmm…

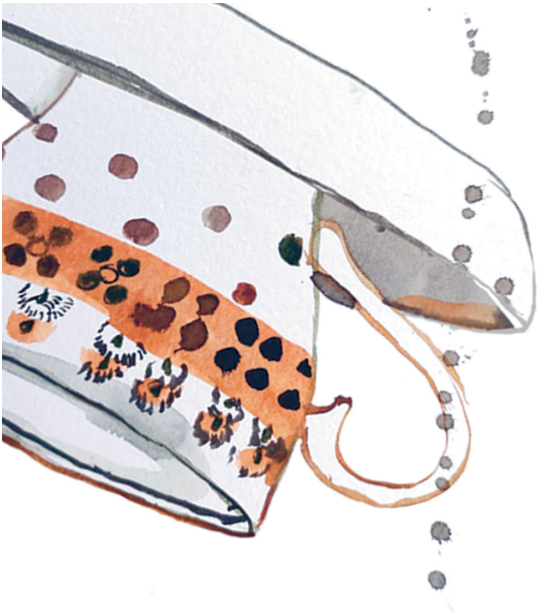
Bolo de bolacha e requeijão. A melhor invenção de sempre. Logo a seguir ao café. Porque, para que saibam, o café é o meu

sabor preferido, o verdadeiro sabor da infância. Por isso, à noite, quando estou sentado entre adultos e perguntam quem vai tomar café, e eu sei que não vou beber a minha tão desejada chávena porque as crianças não bebem café, fico desconsolado. O sabor do café é o sabor da liberdade. É um sabor *os-adultos-podem-as-crianças-não-podem* que posso apreciar à vontade nos dias em que imploro à minha mãe que me deixe faltar ao infantário. Nessas alturas, sirvo-me do meu próprio café e bebo-o como um homem grande, a olhar pela janela até onde a vista alcança... A minha mãe sabe que gosto de café e deixa-me bebê-lo se for fraco. Mas não em público, só em casa e às escondidas, quando ninguém a pode censurar por ter educado o menino com demasiadas liberdades.

Bom, não faz mal. Vou ter de arranjar uma maneira! Fico sentado e espero que a água ferva, enquanto avalio a situação: o que é melhor fazer, e como, para conseguir o que quero.

— Pergunto outra vez: quem é que vai tomar café? — pergunta a tia Daina, agora armada com uma lata de café e uma colher, não apenas com uma pergunta.

— Eu conto! — ofereço-me, sabendo que toda a gente vai levantar as mãos em silêncio, porque alguém vai ver, ou melhor, eu vou ver. O meu pai, claro, a viva-voz e de forma expressiva, pede uma chávena de café. Não sei onde é que ele vai buscar uma voz tão retumbante. Seja como for, esta é a minha oportunidade de tomar café e não a vou perder. Conto todas as mãos no ar e fico muito contente por ver que a tia Velta e o Ivariņš pousaram as mãos no colo. Bem, sendo franco, o Ivariņš não deve ter ouvido a pergunta, porque está extremamente entusiasmado a contar alguma coisa ao avô do Ļoša, que o ouve com muito menos entusiasmo, mas levanta a mão na mesma.



— Treze! — anuncio, juntando uma chávena de café para mim, e dirijo-me ao fundo da cozinha para ajudar a tia Daina. A lata de café já está aberta e cheira tão bem!

A tia Daina verte água para as chávenas e eu levo-as aos convidados, enquanto conto a todos a história do vilão chamado Shredder, das Tartarugas Ninja, para que nem a minha mãe nem ninguém comece a contar quem vai tomar café. Dou uma chávena à Zina, ao avô do Ļoša, à minha mãe, ao meu pai, à Maiga, à Dagmāra, ao velho Valters, à Sveta e ao marido, ao Ludāns, à Kaiva, à tia Daina, e a última, a derradeira chávena, é minha. Por um momento penso que talvez o Ļoša suspeite de que estou a fazer algo que não devia, porém ignoro esse pensamento, porque ele não vai contar a ninguém uma coisa de que não tem a certeza. Sento-me à mesa e coloco a minha chávena no único espaço livre. Entretanto, o meu pai, com um gesto amplo, começa à procura do açucareiro e vejo a delicada chávena, pousada no pires que é ainda mais delicado, oscilar e, como que

em câmara lenta, cair de lado, fazendo chover toda a delícia que continha mesmo em cima de mim. Está quente! Muito quente! Mas mordo o lábio inferior e fico calado. É o que sei fazer e o que sei que toda a gente espera de mim. O meu pai está em silêncio, assim como eu, porque isso significa que tudo está limpo e organizado, que todos estão bem e elegantes: ninguém está a fazer algo que não devia, ninguém é desajeitado. O peito é o que me dói mais, por isso, tento soprar para dentro da camisa, abanando-a sobre a zona escaldada. As pernas doem-me menos. A festa continua, todos estão a tomar café e a comer bolo, elogiando-me pela decoração. Fazem elogios incríveis, mas estou ocupado a engolir lágrimas salgadas entre garfadas de bolacha e requeijão e, inclinando-me para que ninguém repare, sugo da camisa e das calças, não de uma chávena elegante, o restinho do café que me pertencia. Bolas!

Aparentemente, por não ter bebido o suficiente do meu adorado café, ou talvez por me ter queimado e ignorado o acidente de modo muito viril, o que é um facto é que não me lembro do fim da festa e não vi o nascer do Sol de olhos abertos. Em vez disso, acordei na manhã seguinte no meu sofá-cama, encharcado e suado.



Puxo o pijama para cima e vejo que tenho o peito vermelho. Ponho suavemente os dedos na mancha vermelha, onde a pele está quente e dorida. Mas não é caso para não aguentar. Talvez me transforme num Homem de Lava. Ou no Super-Homem, porque ele também não se importa se está frio ou calor, certo? O meu sonho! No meu sonho, vi algo muito simbólico: estava a correr pela cave de um prédio em construção, cheio de andaimes, e depois corria e subia cada vez mais, e mais alto, cada vez mais alto, cada vez mais alto, até chegar ao topo do prédio, até chegar ao telhado! E não eram cinco andares, não! Eram trinta andares, no mínimo. O prédio acabava, mas os andaimes não. Trepava-os também e, gradualmente, transformavam-se em colunas, que entravam nas nuvens, umas nuvens bonitas e com padrões. Tudo era quente, bom e agradável, mas, depois da última coluna, alguém me empurrou e eu comecei a cair. Normalmente, nos meus sonhos, acordo assim que começo a cair, mas desta vez foi diferente. Desta vez acordei só depois de cair e pensei: «Ah! Isto não dói nada.» Bom, foi este o sonho, tenho de ir contar à minha mãe.

Levanto-me da cama e visto-me. A camisa roça a zona escaldada de uma forma horrível. Por isso, pressiono contra o estômago uma folha branca que tirei da secretária. A frescura é muito agradável. Sinto-me um pouco tonto, mas não duvido, nem por um momento, de que é por não tomar café há muito tempo.

Reina um silêncio desconfortável na cozinha. Bem, «silêncio» não é a palavra certa, porque, em nossa casa, o rádio está ligado desde que alguém acorda até ao último ir para a cama. Neste momento, ouve-se um programa onde falam sobre uma peça radiofónica nova que vai começar daí a pouco. Algo sobre um menino-estrela. Adoro peças radiofónicas, assim como a minha mãe, que nesta manhã está muito calada. Nas manhãs em que

a minha mãe está assim, não lhe pergunto nada que não seja necessário. Por isso, faço uma sandes de queijo e guardo o sonho para mim, embora quisesse muito contar-lho.

Durante o pequeno-almoço, avalio a situação: a minha mãe está obviamente zangada com o meu pai, porque ele parece um pouco indisposto devido à noite anterior. E é assim indisposto que o deixamos em casa, porque temos de ir ajudar a tia Daina a limpar a confusão em que ficou o apartamento depois da festa. Ao descer as escadas, dá-me outra tontura, mas ignoro-a rapidamente, imaginando que sou o Homem Invisível e que a invisibilidade me é proporcionada pela folha branca que tenho colada à barriga vermelha. Posso ir e vir à vontade, mas, como sou invisível e o ar me atravessa facilmente, fico com tonturas. Este pensamento é deitado por terra pela minha mãe, que não sabe que sou invisível (embora não me veja!) e decide parar-me inesperadamente nas escadas para me abraçar com força.

— Nunca bebas, Jēkabs. Não vale a pena! — recomenda ela enquanto me aperta com força, pressionando-me a folha branca contra o estômago em brasa, até me sentir real e visível, tangível e carregado com todas as minhas fraquezas e as do meu pai. Não é fácil, mas não digo nada, porque também não é fácil para a minha mãe. É até aí que chega a minha compreensão.

— Jēkabs! — Novamente como se tivesse pressentido, a tia Daina chama-me da área da cozinha, ao fundo. — Estão aí?

— Sim, põe o café ao lume — pede a minha mãe por mim e voltamos ao minirreino da tia Daina.

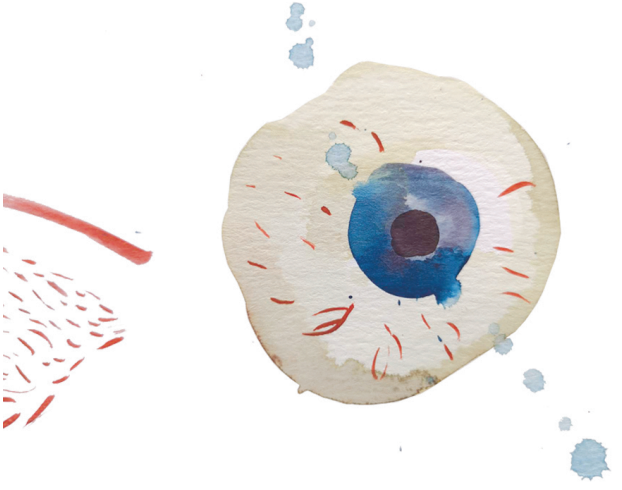
— Queridinho, vê ali junto ao lava-loiças, o meu olho caiu algures... — A tia Daina afaga-me a cabeça quando passo por ela e depois tranca a porta atrás de mim e da minha mãe.

— Mmm… — Ensinaram-me a ser breve e conciso.

Os olhos da tia Daina caem muitas vezes quando está a lavar a loiça. Não consigo perceber o que tem de esfregar com tanta força que os olhos lhe saltem. Contudo, em geral, tenho a certeza de que os adultos se vão decompondo, talvez até cada vez mais incontrolavelmente com o passar dos anos. Afinal, a tia Daina já tem trinta e seis anos... O meu avô, por exemplo, durante a noite guarda os dentes na mesa de cabeceira. Já a tia Nastja (a mãe do Ļoša, que raramente aparece no dormitório, mas que quando o faz traz sempre um monte de histórias) anda sempre a meter os pés pelas mãos. Sem sucesso, e de forma bastante dolorosa, tentei algumas vezes arrancar os olhos, mas, ao falhar, aceitei o facto de que só os adultos se desmontam e de que sou demasiado pequeno para isso.

A bola de vidro caiu ao chão e rolou para debaixo do lava-loiça, até ao canto mais afastado. Uma barata velha (pois é lenta) rasteja sobre ela e segue o seu caminho. Nem sequer contorci um músculo, porque nos dormitórios é normal haver baratas. Pelo menos, para mim. Mas os outros não as veem...

— E então?



— Está aqui — digo, já a pegar no olho com dois dedos envolvidos na camisa e a esfregá-lo nas calças.

— Empurra-o lá para dentro — diz a tia Daina, inclinando-se para mim. Abro-lhe as pálpebras com a outra mão e, com um silencioso *fptt!*, encaixo-lhe o olho no sítio. Ajusto-o. Vai ficar bem. Já aconteceu encaixar o olho à minha tia juntamente com as pálpebras e as pestanas. Nessa altura, o aspeto era horrível, mas desta vez ficou ótimo e estou feliz por isso.

— Ah! O que faria sem ti? — diz a tia Daina gentilmente, e tira do frigorífico o bolo que sobrou da festa de ontem. — Um docinho bem merecido! Queres?

— Hã, hã. — É muito bom sentirmos que somos precisos.

— Faz-lhe também uma chávena de café fraquinho — diz a minha mãe a meia-voz, e a tia Daina pega numa terceira chávena. Depois, somos só nós os três no mundo inteiro: eu, a minha mãe e a tia Daina. Começam a falar em russo e só apanho algumas palavras da conversa. Mas desta vez sinto-me melhor do que noutras alturas, porque também tenho um segredo: a folha branca que tenho colada à barriga vermelha. A tia Daina liga o rádio e ouço o fim da peça radiofónica sobre o menino-estrela. Talvez seja sobre mim?

Se me perguntarem qual foi o... ponto de viragem, não sei. Seguramente, tudo começou com o início da escola. Depois ele... Bem, imaginem: íamos a descer a rua e ele estava ali, à minha esquerda. Depois, num instante, ups!, já não está lá. Provavelmente seria como se alguém nos apagasse a luz de repente! Uma pessoa tem de se rir, não é? Mas, para mim, é como se caminhássemos por uma rua conhecida e, de repente, nos aparecesse um buraco à frente. E até podemos saber muito bem de onde vimos, mas nesse momento, por muito seguros que estejamos de nós próprios, tudo fica tremido. Avançamos por caminhos batidos, por sítios que conhecemos. Sabe-se se vai haver um pedaço de relva ou um buraco. Por exemplo, nos transportes públicos, podemos contar as paragens, mas também podemos orientar-nos pelas curvas, senti-las. O que for mais fácil. Mas, da mesma forma, também há obras na rua que nos surpreendem, ou um carro estacionado onde não é permitido. No passeio, por exemplo, ramos ou tralha que ficou de obras ou tempestades, andaimes, grupos de jovens que não se mexem, tudo isto pode ser um obstáculo inesperado a ultrapassar. E, muitas vezes, não sabemos como o fazer! E refiro-me à vida diária! Mas, quando o nosso filho, de repente, já não nos quer dar a mão, então... Mesmo que seja só durante um bocadinho! Significa que algo mudou nele e não fazemos ideia do que seja.

Sabe, em minha casa, o mais importante é não mudar as coisas de sítio. Tem de estar tudo arrumado no seu lugar, caso contrário, uma pessoa pode perder-se. E se tiver de responder o que é realmente a minha casa, bem, o Ǯēkabs é a minha casa! E já sei que ele é um ser vivo que muda e tal, mas... nesse caso, uma pessoa pode perder-se.